



GEORGE W. BUSH: ao atacar o Iraque, o presidente americano provocaria uma desaceleração ainda maior da economia mundial. Além da alta do petróleo, as exportações brasileiras para os países árabes cairiam

# Guerra dos EUA, problema no Brasil

Conflito no Oriente Médio reduziria superávit comercial brasileiro e impediria queda dos juros

Eliane Oliveira, Enio Vieira  
e Ronaldo D'Ercole

BRASÍLIA e SÃO PAULO

**A** possibilidade cada vez maior de um conflito no Oriente Médio preocupa os economistas do governo e do setor privado. Se George W. Bush cumprir sua ameaça e atacar o Iraque, o Brasil seria afetado de várias formas. Uma delas seria a alta do preço do petróleo no mercado internacional, que elevaria a inflação e inibiria a queda de juros. A recuperação da economia mundial ficaria ainda mais lenta, provocando a queda da demanda e a redução dos preços de *commodities* da pauta brasileira de exportações, como soja, minérios e café, prejudicando o superávit comercial do país.

O conflito também pode frustrar os esforços do governo brasileiro para normalizar o fluxo de investimentos e de linhas de crédito internacionais. Há consenso entre os economistas e consultores de que, num cenário de guerra, a aversão ao risco, já alta, deve aumentar entre os investidores e bancos estrangeiros, restringindo ainda mais o acesso do Brasil aos recursos internacionais.

— O pior que pode acontecer para o país é a guerra retardar a recuperação dos fluxos de capital para o Brasil — diz Fábio Akira, economista do banco JP Morgan.

O secretário-adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Roberto Iglesias, diz que a maior preocupação do governo é com o aumento do preço do petróleo, que já vem ocorrendo. Segundo ele, essa alta se refletiria diretamente nos produtos das cadeias química e petroquímica, plástica e de embalagens em geral. Iglesias acredita, porém, que a guerra duraria pouco e teria efeitos localizados.

— Mesmo assim, uma guerra neste momento tornaria mais difícil a recuperação da economia mundial — disse Iglesias.

Fernando Honorato, economista do Banco Bilbao Viscaya, alerta para a queda dos preços das *commodities*. Ele acrescentou que outro

Editoria de Arte

## Os efeitos sobre a economia brasileira



### PETRÓLEO

Uma provável alta do petróleo ocorreria o governo a reajustar combustíveis, o que pressionaria a inflação



### RETRAÇÃO MUNDIAL

Com a economia americana, que é o motor da economia mundial, voltada para o esforço bélico, os investimentos diretos das potências nos países emergentes se reduziriam



### BALANÇA COMERCIAL

Com a queda da demanda mundial, os preços de produtos exportados pelo Brasil, como soja, minérios e café ficariam reduzidos. Cairiam principalmente com as vendas para o Oriente Médio. Ficaria prejudicado, portanto, o resultado comercial, importante para o equilíbrio das contas públicas



### aversão ao risco

A tendência é que os investimentos financeiros de curto prazo saiam do Brasil, o que também pressionaria o dólar



### CRÉDITO INTERNACIONAL

Ficaria mais difícil a obtenção de empréstimos externos pelas empresas brasileiras, o que é elemento de pressão sobre o dólar no mercado interno, com desvalorização do real



### JUROS

Com o petróleo e o dólar pressionando a inflação, não está descartada a necessidade de aumentar a taxa básica de juros



### MAIS AJUSTE

Com o equilíbrio das contas públicas ameaçado, seria preciso um ajuste fiscal (menos gastos e mais receitas) ainda maior que o das metas acertadas com o FMI

avalia que o conflito poderá afetar o fluxo de capitais para o Brasil:

— A tendência de uma guerra é retrair o fluxo de investimentos. Sem esses recursos, haverá limites para uma redução da taxa de juros brasileira e uma eventual desvalorização do real acima do previsto.

O Banco Central (BC) calcula que o Brasil deva receber US\$ 16,5 bilhões de investimentos diretos este ano e US\$ 17 bilhões em 2003, contra US\$ 22 bilhões em 2001.

## Cotação do dólar poderia chegar a R\$ 3,50

• Em relatório divulgado na semana passada, Luiz Paulo Foggetti, analista do banco Fator Dória Atherino, afirma que, com a guerra, o Brasil enfrentaria novo pico de aversão a risco e a cotação do dólar poderia chegar a R\$ 3,50. A necessidade de continuar atrair capital faria o BC a manter os juros nos níveis atuais, comprometendo a recuperação da economia. Mas não há, ao menos por enquanto, preocupação com uma possível explosão nos preços do petróleo. Segundo Foggetti, além de os preços acumularem valorização de 52% este ano, na cotação atual do barril, na casa dos US\$ 30, já estaria embutindo um prêmio de US\$ 5 decorrente da ameaça de guerra no Iraque.

Como o país não importa mais petróleo iraquiano, acrescenta, uma eventual parada na produção não afetaria diretamente o abastecimento doméstico. Os contínuos recordes de produção obtidos pela Petrobras também ajudam. O petróleo atualmente responde por 10% do total das importações anuais do país.

— A produção interna de petróleo vem crescendo e isso compensaria eventuais efeitos de alta nos preços do óleo sobre a balança comercial — avalia Danny Rappaport, economista da Consultoria Tendências. ■

ponto negativo do conflito seria o aumento dos custos das exportações, principalmente as destinadas aos países árabes, devido a um possível fechamento dos portos.

Mais otimista, o diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, acredita que o Brasil poderá ser beneficiado, a curto prazo, com a venda de produtos alimentícios, principalmente frango e carnes bovina e suína, para os países árabes. Compartilha dessa opinião o ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes.

Segundo o ministro, diante da expectativa de um conflito no Oriente Médio, alguns países estão aumentando seus estoques de alimentos. Ele lembrou que isso aconteceu no ano passado, por causa do Afeganistão:

— A guerra não é boa para ninguém, mas poderíamos vender mais carnes, soja e seus

derivados e, eventualmente, algodão. Mas não sei se isso é capaz de neutralizar os efeitos negativos na área de produtos industrializados, que são a principal receita de exportação do país.

Além disso, o Oriente Médio é um mercado em expansão para produtos brasileiros. Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, as exportações para a região saltaram de US\$ 1,338 bilhão em 2000 para US\$ 2,041 bilhões em 2001, contra importações de US\$ 1,560 bilhão e US\$ 1,472 bilhão, respectivamente. De janeiro a julho deste ano, as vendas brasileiras foram de US\$ 1,110 bilhão e as compras, de US\$ 709 milhões.

O economista e diretor da Sociedade Brasileira de Estudos e Entidades Transnacionais (Sobeet) Antônio Corrêa de Lacerda,

COLABOROU Geralda Doca